

Pesquisa em eficácia escolar: origem e trajetória

Nigel Brooke; José Francisco Soares (Org.).
Belo Horizonte, MG: UFMG, 2008, 552 p.

Já nas primeiras linhas do livro “Pesquisa em eficácia escolar: origem e trajetórias”, o espaço e o tempo (Estados Unidos e Inglaterra, década de 1960) em que foram produzidos os primeiros estudos relevantes acerca da chamada Eficácia Escolar são sucintamente descritos. À época, conforme o texto, havia nesses países grande preocupação com a qualidade da educação, bem como com a forma de distribuição de oportunidades educacionais em seu território. No contexto, destacam-se a ocorrência da Guerra Fria e o aprofundamento das discussões acerca da democracia em países ocidentais, especialmente com o contemporâneo advento da legislação americana sobre igualdade de direitos civis para negros e brancos.

Dividido em cinco seções, o livro traz a compilação da antologia das pesquisas que, ao longo dos últimos cinquenta anos, foram desenvolvidas em muitos países com a finalidade de identificar fatores correlacionados com o sucesso escolar no âmbito da escolarização primária e secundária. Como se lê em diversos artigos da obra, esse é o objeto do ramo de estudos que passou a ser conhecido como *Pesquisa em Eficácia Escolar*. Esta representa um novo paradigma da pesquisa educacional, pois evidencia novos modelos para aferição da qualidade da educação.

“A escola não faz a diferença” é o título da seção primeira do livro. Aqui, discutem-se os resultados de duas pesquisas acerca da eficácia escolar desenvolvidas nos anos 1960: o chamado *Relatório Coleman*, nos Estados Unidos, e o *Relatório*

Plowden, na Inglaterra. Quanto ao *Relatório Coleman*, a pesquisa foi encomendada pelo governo norte-americano, que pretendia conhecer, nos termos de sua Lei de Direitos Civis de 1964, as razões da “falta de disponibilidades educacionais iguais para indivíduos por razão de raça, cor, religião ou naturalidade, em instituições educacionais públicas, em todos os níveis”. Já o *Relatório Plowden*, também desenvolvido por demanda do Poder Público, deteve-se à descrição do estado da arte da pesquisa sobre a qualidade da escola primária.

Como observam autores de artigos dessa seção, a pesquisa consubstanciada pelo *Relatório Coleman* investigou mais de quinhentos mil alunos norte-americanos matriculados em escolas primárias e secundárias. A amplitude da amostra, que também incluiu professores, gestores escolares e pais de alunos, permitiu que fossem descritos aspectos eventualmente relacionados ao desempenho dos alunos, aferido por meio de testes padronizados, notadamente em leitura e matemática. Destacam-se entre esses aspectos a condição socioeconômica dos discentes, as condições físicas das escolas e algumas características do corpo docente dessas instituições. Os resultados da pesquisa foram surpreendentes, visto que evidenciaram, pelo menos naquele contexto, que o nível socioeconômico dos alunos era o fator que melhor se associava ao seu desempenho escolar, em detrimento da estrutura das escolas, de seus processos internos e da qualificação de seus professores. Embora não informasse que a escola não fazia nenhuma diferença, a conclusão principal dessa pesquisa, segundo autores do livro, pareceu reforçar a ideia de que as escolas americanas funcionavam como meras reprodutoras de desigualdades sociais e culturais mais amplas naquele país.

Ainda na primeira seção do livro, apresentam-se as principais conclusões apontadas no *Relatório Plowden*. A investigação inglesa concluiu que, dentre as variáveis consideradas no estudo, a atitude dos pais era a que mais se correlacionava com o sucesso discente, também aferido por testes padronizados, especialmente em leitura e matemática. Assim, pais que se mostravam efetivamente interessados no desempenho escolar de seus filhos, que compareciam periodicamente às reuniões escolares e que ajudavam a prole no dever de casa pareciam contribuir para a excelência do resultado discente. Concluiu-se, também, que as condições dos domicílios dos alunos e as instalações das escolas possuíam efeitos consideráveis, embora menores, no desempenho escolar. Portanto, também aqui, pelo menos em termos comparativos, fatores diretamente relacionados à escola não aparecem como fortes preditores do desempenho escolar.

O título da segunda seção do livro – “A Reação” – não se deve ao acaso. Os diversos artigos que a compõem ilustram a inquietação da comunidade científica diante

da conclusão principal do *Relatório Coleman*. Nesse contexto, os organizadores da obra anotam que “as leituras da seção mostram que, para muitos pesquisadores, as conclusões derivadas do trabalho de Coleman não eram aceitáveis como ponto final para a discussão sobre a contribuição da escola” (p. 106). Os artigos dessa parte do livro deixam transparecer que, embora os efeitos do nível socioeconômico dos alunos não sejam desprezíveis, não se pode admitir que a escola faça pouca ou nenhuma diferença no sucesso escolar de sua clientela.

Leituras da seção segunda do livro permitem a reflexão acerca da ampliação do significado de eficácia escolar, que, nesse sentido, para além do mero desempenho dos alunos em testes padronizados, abarcaria questões comportamentais e de índole socioafetiva. Artigo da seção destaca a necessidade de se considerar as características iniciais dos alunos em qualquer estudo que busque investigar o efeito da escola em seu desempenho. A noção de equidade escolar, caracterizada pela capacidade que tem a instituição escolar de atenuar as diferenças socioeconômicas de seus alunos por meio da distribuição equânime dos resultados escolares, emerge, aqui, com força.

A seção terceira do livro reúne publicações acerca de métodos e evidências da pesquisa sobre o efeito da escola no sucesso acadêmico de seus alunos. Merece destaque o artigo da seção que apresenta conceito especialmente importante para a análise da participação da instituição escolar nos resultados discentes: a noção de agregação de valor. Sob essa ótica, uma escola é dita eficaz se, considerado o desempenho inicial de determinado aluno, consegue proporcionar-lhe conhecimento suficiente para que seu desempenho ao fim de cada etapa escolar seja acima do esperado para um aluno de seu nível socioeconômico. Essa noção, que em outros artigos da publicação é chamada de controle do nível socioeconômico dos estudantes, permite a comparação do desempenho de alunos de situação econômica/social similar matriculados em diferentes escolas. Outro conceito digno de nota é o de Modelos Lineares Hierárquicos, pois permite ao pesquisador em eficácia escolar a definição de diferentes unidades de análise (por exemplo, investigação da eficácia pode estar restrita à eficácia da escola, da sala de aula, do professor ou de um determinado grupo escolar).

O último artigo da seção terceira da obra faz a revisão da melhor literatura internacional acerca de fatores internos às escolas que, de modo recorrente, estão correlacionados com o sucesso dos alunos. Vale ressaltar, conforme apontam autores dessa seção, que esses fatores não constituem uma lista taxativa, mas parecem ser bons preditores do sucesso escolar, em que pesem diferenças contextuais que permearam os diversos estudos considerados. Não obstante, de acordo com as lei-

turas que compõem essa seção, são considerados, entre outros, processos escolares eficazes: gestão escolar participativa, assim entendida a que possui uma liderança forte e objetiva; professor eficaz, assim entendido aquele que otimiza o tempo em sala de aula, que possui altas expectativas em relação ao desempenho de seus alunos e que foca sua atuação em questões estritamente pedagógicas; clima escolar positivo, assim entendido aquele em que as normas e metas são pactuadas e em que a participação de todos é claramente delineada. Tais conclusões apontam para a necessidade de se considerar a complexidade do ambiente que circunda a escola, bem como o papel de todos os atores envolvidos no processo escolar, uma vez que estes, em menor ou maior grau, podem e devem contribuir não só para o aumento do desempenho médio dos alunos, mas também para uma melhor distribuição desses resultados.

A seção quarta do livro contempla a imprescindível discussão sobre a relação entre pesquisas em eficácia escolar e sua utilidade prática. Autores dessa seção discorrem que boa parte das investigações acerca da matéria desenvolvidas em todo o mundo é realizada por demanda governamental. Com efeito, emerge a questão dos interesses políticos relacionados aos resultados dessas pesquisas. Argumenta-se que é possível que o pesquisador apresente resultados de fácil compreensão (e simplistas) para satisfazer aos interesses do Poder Público. Nessa direção, artigo dessa seção apresenta severa crítica a estudos em eficácia escolar que se querem fazer valer em processos concretos de melhoramento escolar. Também se critica a tentativa de “listar” os fatores escolares ligados ao sucesso discente, vez que qualquer tentativa de esgotar o assunto parece precipitada, ante sua complexidade.

A última seção do livro aborda estudos em eficácia escolar desenvolvidos na América Latina. Logo na primeira leitura dessa seção, argumenta-se que, embora em quantidade inferior aos estudos realizados em outras nações, notadamente nos Estados Unidos e na Inglaterra, a qualidade e a quantidade de trabalhos desenvolvidos nos países ibero-americanos são dignas de nota. Isso é particularmente importante, na visão do autor dessa seção, pois estudos de outras nações não podem simplesmente ser “aplicados” à realidade latino-americana. Quanto à pesquisa em eficácia escolar desenvolvida no Brasil, destaca-se o advento, na década de 1990, do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb), que permitiu ao pesquisador brasileiro conhecer de forma mais sistemática o nível socioeconômico dos alunos, bem como seu desempenho em testes padronizados em larga escala. Destaca-se, também, a criação de alguns sistemas estaduais de avaliação da qualidade da educação. Esses sistemas (o Saeb e sistemas estaduais), de acordo com o texto,

constituem a principal base de dados de notáveis estudos em eficácia escolar desenvolvidos entre nós nos últimos anos.

Vale destacar, ainda, que esses estudos, pelo menos quanto aos fatores internos às escolas ligados ao desempenho escolar, parecem corroborar a melhor produção internacional sobre a matéria. Assim, também no Brasil, o harmonioso clima acadêmico, a competente e colaborativa gestão da escola e o trabalho docente com foco na aprendizagem (e com altas expectativas em relação ao resultado discente) estão altamente relacionados com o desempenho escolar aferido pelos testes do Saeb. As evidências mostram que tal correlação parece ser mais forte no ensino fundamental. Por último, destacam os estudos que, ao contrário do que se observa na maioria dos países mais desenvolvidos, a capacidade física das escolas faz a diferença no desempenho dos alunos brasileiros. Uma aparente explicação para isso é que nossos prédios escolares possuem gritantes diferenças de infraestrutura.

O livro é denso e traz à discussão questões fundamentais para a educação que se quer nos dias atuais. A descrição da trajetória das pesquisas em eficácia escolar permite que estas sejam consideradas em seu tempo e espaço. Se estudos de casos particulares não podem ser generalizados, as conclusões da antologia das pesquisas apontadas no livro não podem ser simplesmente desprezadas, pois evidenciam que existem fatores internos e externos à unidade escolar (alguns recorrentes) correlacionados com a excelência do desempenho discente. Enquanto a mera identificação de preditores do sucesso escolar não garante a qualidade da educação, as constatações ao menos trazem a esperança de alcançá-la.

Leonardo Claver Amorim Lima

Diretoria de Assistência a Programas Especiais
do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
leonardo.amorim@fnde.gov.br

